

Sementes que frutificam: duas histórias de paixão pelas sementes

Paula Almeida e Adriana Galvão Freire*

Há onze anos, organizações da agricultura familiar da Paraíba vêm realizando um intenso trabalho de revalorização das variedades locais tradicionalmente plantadas nos roçados, conhecidas localmente como as “Sementes da Paixão”. Para as milhares de famílias atualmente envolvidas, resguardar essas sementes significa assegurar a autonomia técnica e o modo de vida da agricultura familiar desenvolvido por gerações para a convivência com o semi-árido.

Conduzido pelo Pólo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema e assessorado pela AS-PTA, esse trabalho se desenvolveu valorizando ensinamentos assimilados a partir do saber e das práticas tradicionais dos próprios agricultores e agricultoras. Histórias de vida como as relatadas neste artigo municiaram grupos de agricultores-experimentadores de inspirações para que, juntamente com os conhecimentos científicos adquiridos em processos de formação, fossem desenvolvidas estratégias próprias para a garantia de ampla diversidade de sementes de boa qualidade e em quantidades suficientes para “botar o roçado no rastro das chuvas”.

Maria de Edísio: uma apaixonada pelas sementes

Dona Maria de Lima e Seu Edísio residem no município de Solânea-PB. Desde que casaram, foi Maria



Maria em seu roçado e Zé Pequeno com as sementes da paixão

Foto: AS-PTA

quem se ocupou de “botar” o roçado da família. Ainda em um tempo difícil, com a família pequena e o marido ora marchante¹ ora trabalhando para o patrão², ela observava, escolhia e guardava as sementes que “davam certo”, aquelas que melhor se adaptavam ao clima seco, o feijão mais saboroso, o milho que lhe rendia mais palha. Seleccionadas as sementes, o plantio era todo consorciado: o algodão mocó junto com o milho, a fava, e o feijão estendedor que subia pelo algodão.

Associações de espécies e de variedades, bem como rotações de culturas são práticas empregadas tradicionalmente pela agricultura familiar da região. Roçados contendo mais de sete espécies em consórcio são comuns. A variabilidade genética de espécies cultivadas na região também é significativa. Em um diagnóstico realizado em 1997, foram encontradas em apenas seis comunidades 67 variedades de três espécies – feijão-de-arranque (*Phaseolus vulgaris*), feijão-macassa (*Vigna unguiculata*) e fava (*Phaseolus lunatus*). A manutenção dessa ampla diversidade nos roçados do semi-árido é sem dúvida uma estratégia anti-risco que proporciona flexibilidade de manejo, um fator determinante para a estabilidade econômica e ecológica dos sistemas agrícolas e para a segurança alimentar.

¹Comerciante de gado.

²Fazendeiro de quem arrenda terras.

Maria lembra que desde 1972 passou a guardar as sementes que vem pesquisando de forma mais sistemática. Com uma lista de critérios bastante apurada, separa as variedades mais produtivas, as mais aceitas que alcançam melhores preços no mercado e as mais saborosas. Todos os anos segue o mesmo ritual: separa as sementes, as seca ao sol, as mistura com as cinzas da fogueira de São João “para não dar gorgulho” e as armazena em garrafões ou em silos metálicos feitos por seu filho.

O estoque familiar de sementes é uma estratégia fundamental para a convivência com as irregularidades climáticas do semi-árido, uma vez que garante a quantidade e a diversidade de espécies e variedades selecionadas para o momento exato de plantio. Em momentos de crise aguda provocados por longos períodos de seca, os estoques podem atender às necessidades alimentares da família.

Nos períodos de inverno (chuvas), Maria não tem restrições em compartilhar suas sementes com seus filhos e vizinhos. *Se eu perder, meus vizinhos podem ainda ter. Não quero as sementes só para mim; quero para mim, para meus filhos e vizinhos*, afirma. Procedendo assim, Maria assegura melhores condições de “guarda” de suas sementes e de todo o conhecimento a elas associado. As práticas de manejo e beneficiamento das sementes são dessa forma transmitidas através de circuitos locais de comunicação, baseados na solidariedade e na reciprocidade, valores tão comuns às comunidades rurais. Invisíveis a um observador desavisado, essas redes de intercâmbio muitas vezes ultrapassam as fronteiras da comunidade e até dos municípios.

A paixão de Maria pelo feijão macassa cariri e o camapu, o mulatinho da vagem roxa, o carioca e o “milho 60 dias” fez com que ela preservasse essas sementes por anos. Assim como ela, milhares de agricultores e agricultoras do semi-árido, ao longo de gerações, reproduzem essas e outras estratégias para conservar sua diversidade agrícola, para conservarem as suas sementes da paixão.

Uma paixão ameaçada

Apesar de extremamente funcionais, as estratégias de conservação das sementes da paixão são muito

O estoque familiar de sementes é uma estratégia fundamental para a convivência com as irregularidades climáticas do semi-árido, uma vez que garante a quantidade e a diversidade de espécies e variedades selecionadas para o momento exato de plantio. Em momentos de crise aguda provocados por longos períodos de seca, os estoques podem atender às necessidades alimentares da família.

vulneráveis face a alguns fatores de ordem estrutural que vêm colocando em risco não só a diversidade biológica das espécies cultivadas, mas também os próprios códigos socioculturais responsáveis pela sua conservação.

No Agreste da Paraíba, o processo de minifundização é, seguramente, determinante na paulatina inviabilização das práticas tradicionais de manejo da agrobiodiversidade. À medida que os roçados se reduzem e os solos se depauperam com a intensificação do uso, o volume anual de produção agrícola se torna insuficiente para atender simultaneamente às necessidades alimentares e à reposição dos estoques de sementes.

Nessas circunstâncias, a instabilidade climática da região é um fator agravante, já que faz os sistemas produtivos extremamente vulneráveis ao comprometer suas capacidades de reprodução técnica. A ausência de chuvas tanto pode inviabilizar por completo a produção dos grãos quanto pode levar as famílias a consumirem as sementes por necessidades prementes de alimentação. Ao final de períodos prolongados de seca, o quadro de desabastecimento se generaliza, obrigando as famílias a lançar mão de diversificadas alternativas para a aquisição desse insumo, tais como: a compra em feiras livres ou mercados locais; os empréstimos de sementes a juros; a sujeição a relações de clientelismo, como a permuta de sementes por votos ou outros favores.

As políticas governamentais também concorrem para ameaçar o patrimônio genético mantido com paixão pela agricultura familiar. Ofertando sementes de poucas variedades desenvolvidas em centros de pesquisa – muitos dos quais situados em outros biomas brasileiros –, os programas oficiais de distribuição de sementes na Paraíba historicamente induziram os agricultores a utilizarem genótipos pouco adaptados aos sistemas técnicos, às condições ambientais e às preferências socioculturais locais.

Foto: AS-PTA



Associados do Banco de Sementes de São Tomé



Foto: AS-PTA

Feira de Sementes na I Festa Estadual da Semente da Paixão

Banco de Sementes de São Tomé: uma história para crer

José Luna, mais conhecido como Zé Pequeno, é outro exemplo de agricultor familiar que aprendeu desde cedo a importância de guardar as sementes.

Meu pai nunca deixou de ter silos para a família; guardava os legumes e também suas sementes. Guardava sementes para plantar e também abastecia alguns vizinhos que sempre confiaram em seu feijão.

Assim, a diversidade, a fartura de legumes e a solidariedade na partilha das sementes marcaram a infância do pequeno Zé.

Muito religioso, Zé Pequeno assumiu desde jovem a liderança em sua comunidade. Ainda hoje, lembra o ano de 1974. Após uma seca acentuada, os moradores de São Tomé, em Alagoa Nova-PB, ficaram sem sementes para o plantio. Ao procurar o apoio da Igreja, Zé Pequeno recebeu um saco de feijão, um de milho e o desafio de fazer multiplicar essas sementes. Em uma reunião com a presença de representantes das dez famílias mais necessitadas, foi criado o Banco de Sementes Comunitário de São Tomé.

Naquele ano, cada um dos sócios fundadores levou e plantou 10 quilos de feijão e dois de milho,

mediante o compromisso de devolver, ao final da safra, 15 quilos de feijão e três de milho. Dessa forma, o Banco de Sementes pôde prosperar e, já no ano seguinte, possuía três sacos de feijão. Os sócios que já tivessem 15 quilos armazenados retiravam apenas 13 para o plantio. O restante seria destinado ao empréstimo a outras famílias interessadas em aderir ao Banco. Após alguns anos adotando esse procedimento, 150 famílias estavam associadas.

A organização do Banco permitiu que a comunidade discutisse a importância do armazenamento doméstico das sementes. O amadurecimento desse debate entre os associados levou a uma evolução no sistema comunitário de seguridade de sementes que passam a combinar o estoque coletivo com os estoques familiares.

Diante desse processo, houve uma natural diminuição do número de sócios do Banco. Em 2003, apenas 51 famílias entre as mais necessitadas da comunidade estavam associadas. Hoje muitas não dependem mais dos estoques do Banco para garantir os plantios de seus roçados e deixam suas sementes para as outras.

Para participar do Banco, o agricultor ou agricultora toma a semente emprestada, escolhendo as variedades que deseja plantar.

O mais importante é o agricultor poder plantar as sementes de sua paixão, aquelas em que ele confia, as que deseja possuir, afirma Zé Pequeno.

Na época de sua estruturação, em 1974, só eram semeados dois tipos de feijão na comunidade: o carioca e o ibra. Em 2003, o Banco armazenava 14 variedades de feijão e quatro de milho, além daquelas que sempre entram no estoque para serem testadas. Mais recentemente os associados deram início ao trabalho de colheita de sementes de outras espécies cultivadas, como alface, pimentão, coentro, tomate, milho d'angola, gliricídia, feijão-de-porco, guandu, mangirioba e mucunã. Também estão selecionando sementes de árvores frutíferas nativas e aquelas exóticas adaptadas à região (ver artigo na página 15 desta revista).

Aqui na nossa agricultura familiar não temos só semente de milho e feijão. Temos todos os tipos de sementes que a gente traz, planta e verifica se dão certo em nosso campo. Sem contar com as sementes de mamona, macaxeira, batata-doce e aquelas que não existem no Banco, mas que fazem parte do sistema de troca comunitária. Dividimos as variedades uns com os outros, conta Zé Pequeno.

E quando questionado sobre a importância dos bancos de sementes comunitários, a resposta é rápida e segura:

Garantir a quantidade, a qualidade, a diversidade e a disponibilidade de sementes como nossos pais já faziam.

Zé Pequeno também conta com orgulho que o trabalho desenvolvido pela comunidade de São Tomé está sendo reconhecido em toda a Paraíba. Com as experiências que possuem, já se criaram outros Bancos no município e também fora dele.

Estamos prontos para levar nossa experiência para onde for necessário. Não quero que fique só em São Tomé, mas que se espalhe por toda a Paraíba e onde mais for preciso.

Um roçado de sementes da paixão

Na Paraíba, as histórias de Marias, Josés, São Tomé e outros tantos santos são encaradas como "sementes" pelas organizações da agricultura familiar. É assim que as "sementes da paixão" vêm germinando e fazendo crescer mais do que roçados: fazem florescer a auto-estima de quem luta na terra e pela terra e frutificar a solidariedade e a capacidade de organização.

Foi plantando essas sementes que mais de uma centena de agricultores e agricultoras, portadores

de experiências, se tornaram protagonistas de um processo que tanto qualificou os antigos bancos de sementes e os estoques familiares, como vem ampliando sistemas coletivos que assegurem o abastecimento e a diversidade de sementes.

Os bancos comunitários se multiplicaram, formando uma rede estadual com 205 unidades, em 60 municípios. Por intermédio dela, entre 1999 e 2004, mais de sete mil famílias de agricultores tiveram acesso a aproximadamente 560 mil quilos de sementes de oito espécies de cultivo e mais de 80 diferentes variedades.

Coordenada pela Articulação do Semi-Árido Paraibano – ASA-PB, a Rede Estadual de Bancos de Sementes foi determinante para a emergência de um ambiente político-organizativo que culminou na formulação e na negociação de propostas alternativas às políticas de sementes do Governo do Estado da Paraíba. Desde 1998, a ASA-PB vem estabelecendo convênios com a Secretaria Estadual de Agricultura para o fortalecimento dos Bancos com sementes de variedades locais. Em 2004, em parceria com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), 161 toneladas de sementes de 45 variedades locais foram compradas dos próprios agricultores e plantadas pelos sócios dos Bancos.

Diante dessas conquistas, podemos afirmar, com convicção, que ao valorizar as experiências também plantamos roçados; roçados de cultura e valores fundamentais à convivência com o semi-árido, à construção da segurança alimentar e à preservação da biodiversidade.

*Paula Almeida: *agrônoma, assessora técnica da AS-PTA.*
paula@aspta.org.br

Adriana Galvão Freire: *bióloga, mestre em administração rural, assessora técnica da AS-PTA.*
adriana@aspta.org.br

Referências:

ALMEIDA, P.; CORDEIRO, A. *Semente da Paixão: estratégia comunitária de conservação de variedades locais no semi-árido*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2001.

ALMEIDA, P.; FREIRE, A. G. *Conservando a Semente da Paixão: duas histórias de vida, duas sementes para agricultura sustentável na Paraíba*. In: CARVALHO, H. M. (org.) *Sementes: patrimônio do povo a serviço da humanidade*. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2003.

SILVEIRA, L.; PETERSEN, P.; SABOURIN, E. *Agricultura familiar e agroecologia no semi-árido. Avanços a partir do Agreste da Paraíba*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2002.